

## Editorial

### **A inter-relação entre Arqueologia e História e a construção de um discurso imagético**

*The interrelation between Archeology and History and the construction of an imagery discourse*

José Roberto de Paiva Gomes<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Doutor em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ. Pós doutor em História Política pelo PPGH/UERJ. Pesquisador do NEA/UERJ e prof. colaborador do CEHAM/NEA/UERJ. Email: [alcaeusappho@gmail.com](mailto:alcaeusappho@gmail.com).

Neste volume da revista *Nearco* observamos pontos de conexão entre os artigos e uma preocupação dos pesquisadores, o estudo da cultura material. Percebemos que os trabalhos tiveram a preocupação de estabelecer a relação entre imagem e texto. As pesquisas tiveram a oportunidade de abordar formas comunicativas que em conjunto se tornaram documentos históricos. Conforme Moses Finley (1994, p. 44) aventou: “... os documentos para análise historiográfica encontram-se inscrições de lápides, símbolos, marcas em tijolos, pedra ou cerâmica e que o motivo de todos os documentos era comunicar algum tipo de informação...”. Os temas propostos procuraram estabelecer transversalidade com abordagens epigráficas e iconográficas, se situando dentro dos referenciais da História Política, Cultural ou das Mentalidades (PASAVENTO, 2004).

As inscrições presentes na cultura material constituíam uma importante ferramenta de comunicação e revelam práticas diferentes grupos sociais. Os presentes textos rediscutem a Arqueologia e a epigrafia como disciplinas auxiliares da História. A interpretação das imagens como signos, como descreve Martine Joly (1994) e a leitura dos nomes (a ancoragem) se constituem como o processo fundamental de tornar a cultura material como documento histórico. As inscrições em um artefato cerâmico podem evidenciar práticas cotidianas e de indivíduos, por exemplo, não pertencentes a círculos aristocráticos ou políticos.

Francisco Sabadini aborda a cerâmica nas Cíclades no período Geométrico (900-700 a. C.). O autor destaca a região das ilhas como importante centro produtor e distribuidor de artefatos. A análise também destaca Atenas exercendo a hegemonia estilística para momentos posteriores. Observa-se que o estilo ático se expandiu para o mar Egeu e recebeu refinamentos pelos artesãos-pintores. Pelas evidências arqueológicas foram encontrados diversos centros produtores, onde os vasos, destacam uma circulação e de comércio no Egeu. Tal ação enfatiza o papel social dos mercadores. A cerâmica geométrica cicládica apresentaria uma certa falta de padronização. As escolas de escavação estrangeiras de arqueologia grega elaboraram um debate em torno das rotas de circulação, a partir das similitudes e diferenças, em torno da forma e dos ornamentos. A historiografia questiona se um determinado sítio seria importador ou produtor. Outro aspecto ponderado será a influência do estilo ático, sua imitação e sua diferenciação, a partir da escolha de reprodução de outro estilo vindo da região da Eubeia.

Buscando um olhar alternativo ao documento textual, Lidiane dos Santos procura nos estudos da cerâmica grega observar a presença do músico estrangeiro. A autora vislumbra o imaginário cultural construído em torno da figura de músico trácios e de personagens mitológicos, tais como: Orfeu, Tamiris e Lino. Muitos destes profissionais desenvolver instrumentos musicais importantes, como a lira, o phormix, o plectron e a cítara. Estes músicos de origem estrangeira se envolveram em atividades políticas (a vida dinástica, a religião órfica, por exemplo) e se destacaram no cenário cultural poliade (como músico profissional). Os músicos trácios podem ser entendidos como músicos profissionais e configurados como “ideais tipo” ao se apresentarem ricamente adornados em festivais, rituais e competições. Acredita-se que a participação do músico nas atividades socioculturais poliades teria lhe concedido fama, prestígio e em alguns momentos fortuna, por intermédio do canto e da dança. Os músicos eram ligados a figura mitológica do deus Apolo, podendo ser caracterizado como descendente da divindade, como por exemplo, Tamiris. O músico poderia ser capaz de interconectar mundos (dos deuses e dos homens). Notamos também pela análise desenvolvida que o musicista Linos exercer a função de músico, professor e preceptor musical com o objetivo de desenvolver bela voz, canto e algumas inovações musicais. A representação

imagética dos músicos destacaria a educação grega (a Paidéia) e a habilidade musical, como um importante atributo social grego.

O estudo da arqueologia e da epigrafia destacam outras formas discursivas para a elaboração de novas problemáticas. Encontramos as relações entre helenos e egípcios no período arcaico, em textos escritos em pedra, abordados por Alair Duarte e Hector Levi. Os escritos epigráficos evidenciam o contato sociocultural durante a dinastia saíta. Na narrativa observamos os interesses de diversos povos ou civilizações no Egito (líbios, núbios, kushitas, assírios). Herodoto euforiza o interesse comercial de gregos jônicos e cários no território banhado pelo rio Nilo. O discurso aponta para as interações e o desenvolvimento do mercenarismo grego no Egito, que auxiliaram na expulsão dos assírios. Artefatos cretenses atestavam as relações entre gregos e egípcios sendo estabelecidas desde o período chamado de Dark Age. Os autores se utilizaram da epigrafia para destacar a presença helena no território egípcio, indo além das informações do texto de Heródoto. Utilizaram como documentos o cubo de Pédon, que destaca as relações diplomáticas com os jônicos e o grafite grego de Abu Simbel, que evidencia a participação grega como parte das tropas de Psamético II. Os autores aventam que o faraó egípcio formulou uma talassocracia, com naus e soldados, que em períodos posteriores serviram para fixar alianças militares e/ou comerciais. As relações entre gregos e egípcios da dinastia saíta proporcionaram interações, espaços de poder, relações comerciais e alianças militares entre civilizações que coexistiram.

Na Roma Antiga a epigrafia se constitui como fonte histórica capaz de decifrar evidências sobre o cotidiano da sociedade. Como as inscrições das catacumbas romanas estudadas por Ludmila Alcuri. As inscrições epigráficas, elaboradas pelo bispo Damaso, para as catacumbas romanas, descrevem a memória visual e ritual dos primeiros cristãos. Encontramos a presença das classes subalternas, a partir da ação dos grafiteiros (um grupo de artistas compostos por libertos ou escravos. Observamos a partir das inscrições a posse e o controle dos espaços sagrados, cujos estudos se encontram no campo da interdisciplinaridade. O discurso epigráfico de Damaso destaca a dinâmica devocional e o rito proclamado se caracteriza como memória coletiva e religiosa. A edificação das catacumbas cristãs formaliza a construção de um espaço funerário composto por afresco e decorações. O contexto funerário tem como estrutura as

catacumbas e os sepulcros monumentais, ornados com cenas da vida de Jesus, cenas bíblicas e com a figuração do morto. As catacumbas destacariam a perseguição, a religião mortuária e a salvação pela fé. Os escritos de Damaso evidenciam a função ritual e de memória individual e coletiva das catacumbas. O bispo pode ser descrito como aquele que se dedicou a edificar e restaurar igrejas e catacumbas. Em especial, os escritos epigráficos do bispo espalhados pelas catacumbas assumiram uma função social catequizadora e relatavam o culto de mártires. O uso da escrita epigráfica evidenciaria a hierofania do espaço cristão, a devoção, o culto dos heróis e mártires e a sacralidade entre o terreno e o sagrado. Os escritos do bispo teriam uma função pedagógica-ritual, com o objetivo doutrinário para aquele que visitava as catacumbas e venerava a memória do morto cristão ou dos mártires.

As evidências materiais possibilitam descrevem novos enfoques sobre temas já extremamente consolidadas, como são relatos de guerra. Ricardo Souza ao estudar a heroicidade de Viriato, se utiliza da Arqueologia para destacar novas evidências sobre as Guerras lusitanas e o contato com os romanos. A História militar, nos últimos anos, tem se utilizado de uma inter-relação, entre texto e cultura material, principalmente para destacar os embates militares e as táticas empregadas durante os conflitos bélicos antigos. O texto trabalha o embate entre os romanos e os lusitanos comandados pelo herói Viriato. A cultura material dos acampamentos destaca as táticas e estratégias empregadas pelas legiões no campo de batalha, o autor destaca os campos de inverno e a sobrevivência estratégica das legiões lusitanas. Em território lusitano encontramos evidências materiais do acampamento militar na colina chamada de monte de Vênus onde a legião romana teria ficado recolhida. Por outro lado, as terras da Extremadura na Sierra de São Pedro destacam os regimentos lusitanos, liderados por Viriato. A análise arqueológica dos campos arqueológicos destaca as identidades militares e a construção da heroicidade tanto de agentes sociais lusitanos como romanos

Nos últimos tempos, nos Estudos Clássicos o estudo da cultura material vem adquirindo papel de destaque na tentativa de estabelecer novas interpretações históricas, sobretudo destacando o papel da memória na sociedade antiga, evidenciando tanto as práticas de uma elite quanto das classes subalternas que as produzem com um propósito. O pesquisador da Antiguidade utiliza a cultura material

(artefatos cerâmicos e epigráficos) como documento que busca evidenciar tradições e costumes. Como destaca José d'Encarnação (2010, 17), as inscrições epigráficas (e para nós, os pesquisadores de cerâmica antiga, os vasos transmitem a mesma mensagem), são pedras que falam. Das quais temos muito prazer em ver, ler, ouvir, refletir e analisar.

## **Bibliografia**

FINLEY, Moses. *Ancient History. Evidence and Models*. Londres: Chatto & Windus, 1994.

D'ENCARNAÇÃO, José. *Epigrafia: as pedras que falam*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2010.

JOLY, Martine. *Introdução a análise da imagem*. Campinas: Editora Papirus, 2009.

PESAVENTO, Sandra J. *História e história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.